

EDUCAÇÃO INFANTIL E DECOLONIALIDADE: AS BRINCADEIRAS INDÍGENAS PATAXÓ COMO RESISTÊNCIA E PRODUÇÃO DE SABERES MATEMÁTICOS

Thiago Santos Cintra¹; Marilete Calegari Cardoso²

Resumo

Esta pesquisa doutoral em desenvolvimento analisa os sentidos atribuídos por professores às contribuições das brincadeiras indígenas da etnia Pataxó para a Etnomatemática, em diálogo com um currículo intercultural na Educação Infantil. Neste texto, enfatiza-se o mapeamento de produções acadêmicas que tratam de práticas lúdicas de povos indígenas sob a perspectiva Etnomatemática. A metodologia ancora-se em revisão bibliográfica de dissertações e artigos indexados nas bases *Scopus*, *Web of Science*, *SciELO* e *Capes*, publicados entre 2015 e 2025, buscando identificar matrizes teóricas, evidências empíricas e lacunas de pesquisa. Resultados parciais apontam que experiências de brincar vinculadas à cultura Pataxó - como jogos de contagem, marcações espaciais e grafismos - favorecem a articulação entre saberes tradicionais e conhecimentos matemáticos escolares (contagem, medidas, geometria), potencializando aprendizagens contextualizadas e dialógicas. Defende-se, por fim, um currículo vivo e socialmente referenciado, que reconhece a infância indígena como produtora de conhecimentos e amplia repertórios didático-pedagógicos.

Palavras-chave: Brincadeiras indígenas. Etnomatemática. Educação Infantil. Currículo intercultural. Ludicidade.

INTRODUÇÃO

Quando a escola associa “civilização” ao Ocidente e reconhece a ciência ocidental como única forma legítima de conhecimento, tende a desqualificar saberes produzidos no Sul global, em comunidades indígenas e em territórios populares. Ao privilegiar certos idiomas, padrões estéticos e matrizes culturais urbanas, práticas educativas acabam silenciando a diversidade de modos de ser, falar e organizar o mundo, contribuindo para violências simbólicas e para a reprodução do racismo anti-indígena no cotidiano escolar.

Nesse cenário, a Lei nº 11.645/2008, ao tornar obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena na Educação Básica, tensiona a formação inicial e

¹ Doutorando em Educação pela UESB/PPGED, Eunápolis, Bahia, Brasil, thiagosantoscintra@gmail.com

² Professora doutora do programa de pós graduação em educação PPGED UESB, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil, marilete.cardoso@uesb.edu.br

continuada de professoras e professores. Coloca-se o desafio de avaliar em que medida essa formação tem fornecido base teórica, didática e política para tratar de forma consistente as

temáticas indígenas histórias, línguas, territórios, cosmologias e saberes, especialmente na Educação Infantil e na elaboração de currículos interculturais capazes de enfrentar estereótipos e práticas excludentes.

No campo da educação indígena, a Constituição Federal de 1988, a LDB (Lei nº 9.394/1996) e documentos como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2009) e as Diretrizes Operacionais Nacionais de Qualidade e Equidade para a Educação Infantil - Donqeei (Brasil, 2024) afirmam o direito a propostas pedagógicas que respeitem línguas, modos de vida e projetos próprios de futuro. As Donqeei reforçam que as instituições devem integrar saberes e práticas das comunidades indígenas como eixo estruturante das experiências das crianças, o que implica repensar currículos, tempos, espaços e materiais, bem como escutar protagonistas, historicamente, invisibilizados.

Articulando antropologia da infância e etnologia indígena, Cohn (2021), destaca-se a compreensão de que as crianças não apenas recebem conhecimentos: elas os produzem, negociam e fazem circular em suas coletividades. Entre as infâncias Pataxó, as brincadeiras mobilizam valores, parentesco, formas de habitar o território e racionalidades próprias. Ao brincar, as crianças contam, classificam, comparam, medem, traçam percursos e elaboram estratégias, indicando um campo fértil para refletir sobre relações entre ludicidade, currículo e educação matemática.

A Etnomatemática, nesse cenário, oferece uma chave teórica para compreender como diferentes grupos elaboram práticas e linguagens matemáticas culturalmente situadas. Orey e Rosa (2021) ao defender que a sala de aula torne visíveis histórias e racionalidades matemáticas ocultadas por currículos hegemônicos, essa abordagem aproxima o conhecimento escolar das experiências vividas nos territórios. Assim, brincadeiras tradicionais podem funcionar como mediações potentes entre saberes Pataxó e conteúdos de contagem, medidas, espacialidade e formas geométricas.

Como docentes-pesquisadores no Sul da Bahia, em diálogo com comunidades Pataxó, o texto problematiza como a Educação Infantil tem acolhido (ou não) essas práticas lúdicas e seus conhecimentos matemáticos. Para isso, apresenta um estado do conhecimento sobre produções acadêmicas que abordam brincadeiras na infância indígena sob a ótica da Etnomatemática, destacando contribuições para currículos interculturais e para o enfrentamento do racismo anti-indígena na escola.

OBJETIVOS

O objetivo deste estudo foi analisar produções acadêmicas que abordam brincadeiras na infância indígena, com ênfase nas infâncias Pataxó, sob a perspectiva da Etnomatemática, de modo a compreender suas contribuições para a construção de currículos interculturais na Educação Infantil. Para isso, traçamos os seguintes objetivos secundários:

- Mapear dissertações e artigos, publicados entre 2012 e 2022 nas bases *Scopus*, *Web of Science*, *SciELO* e *Capes*, que discutem práticas lúdicas de povos indígenas em interface com a Educação Infantil e/ou com a educação matemática.
- Identificar as principais matrizes teóricas e abordagens epistemológicas que fundamentam os estudos sobre brincadeiras indígenas e Etnomatemática.
- Descrever e analisar evidências empíricas relativas às experiências de brincar ligadas à cultura Pataxó (jogos, marcações espaciais, grafismos, contagens e classificações), destacando seus nexos com conhecimentos matemáticos escolares.
- Evidenciar lacunas de pesquisa e desafios pedagógicos apontados nas produções analisadas, especialmente no que se refere à formação docente e à elaboração de currículos interculturais que enfrentem o racismo anti-indígena e a invisibilização dos saberes Pataxó na Educação Infantil.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Diferenciar a matemática escolar hegemônica da Etnomatemática é fundamental para sustentar um posicionamento teórico consistente. A matemática ensinada na escola tende a ser apresentada como um corpo de enunciados formais, abstratos, supostamente universais e descontextualizados. Em contraste, a Etnomatemática volta-se às maneiras diversas pelas quais grupos culturais elaboram, comunicam e utilizam ideias matemáticas em práticas cotidianas situadas (D' Ambrosio, 2013; Rosa; Orey, 2017; Gerdes, 1991). Nessa chave, jogos, brincadeiras e artefatos indígenas podem ser compreendidos como expressões etnomatemáticas, isto é, como mediações que articulam práticas socioculturais, modos próprios de raciocínio e possíveis processos de formalização escolar (Silva, 2023).

Entre os povos indígenas, as brincadeiras tradicionais cumprem papel central na socialização das crianças, pois condensam dimensões lúdicas, cosmológicas, linguísticas e políticas. No contexto Pataxó, atividades como jogos, cantigas, grafismos e produções corporais e artísticas não se limitam ao “tempo livre”, mas operam como mecanismos de circulação de memórias, fortalecimento de identidades e afirmação de pertencimentos comunitários. Coelho (2024) sistematiza cinco aspectos recorrentes nas discussões sobre infância(s) indígena(s): a autonomia e a capacidade decisória das crianças; o reconhecimento de habilidades infantis específicas em relação aos adultos; a educação voltada à constituição de corpos saudáveis; o lugar da criança como mediadora de entidades cósmicas; e seu papel como mediadora entre diferentes grupos sociais (Coelho, 2024).

Essa compreensão rompe com a ideia de infância passiva e reconhece a criança indígena como sujeito que produz saberes. Ao valorizar seus conhecimentos como complementares aos dos adultos, amplia-se a agência infantil e abrem-se outras possibilidades educativas. No currículo, isso significa entender que, ao brincar, crianças Pataxó não apenas reproduzem tradições, mas mobilizam e inventam formas de contar, medir, classificar, comparar e organizar o espaço, em diálogo com a educação matemática.

A dimensão lúdica, nessa perspectiva, está intimamente associada à experiência, entendida como aquilo que nos afeta, transforma-nos e nos constitui (Bondía, 2002). Para as crianças indígenas, o brincar é experiência formadora que entrelaça corpo, território, afetos e saberes ancestrais. Assumi-lo como eixo curricular na Educação Infantil demanda planejamento em diálogo com anciãos, famílias e lideranças, além do reconhecimento do brincar como forma legítima de produção de conhecimento, funcionando também como espaço de preservação e atualização cultural.

Assim, tomar as brincadeiras indígenas como princípio estruturante de um currículo intercultural significa articular escola, território e comunidade, garantindo uma infância vivida em suas próprias referências culturais. Ao incorporar essas práticas ao cotidiano pedagógico, a Educação Infantil se fortalece como espaço de resistência e produção de direitos, enfrentando a invisibilização dos saberes indígenas e abrindo caminhos para uma Etnomatemática que emerge das experiências concretas das crianças Pataxó.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS E METODOLÓGICOS

Este artigo integra uma pesquisa doutoral em desenvolvimento, orientada pelas diretrizes éticas estabelecidas pelas Resoluções nº 466/2012 e nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, especialmente no que se refere ao respeito aos povos e às comunidades tradicionais e à salvaguarda de seus saberes. No recorte aqui apresentado, de natureza exclusivamente bibliográfica, não houve coleta de dados diretamente com participantes humanos, mas apenas análise de produções acadêmicas disponíveis em acesso público. Ainda assim, a abordagem pauta-se por uma postura ética de reconhecimento das autorias indígenas, da não apropriação indevida de conhecimentos tradicionais e do compromisso com a luta contra o racismo e a invisibilização dos povos originários.

Metodologicamente, desenvolveu-se um mapeamento bibliográfico de abordagem qualitativa, com procedimentos sistemáticos de busca, triagem e análise. O recorte temporal definido foi de 2015 a 2025, considerando que, embora a Lei nº 11.645/2008 já tornasse obrigatória a inclusão da temática da história e cultura afro-brasileira e indígena nos currículos da Educação Básica, estudos recentes indicam que a implementação mais consistente de práticas pedagógicas interculturais ganha visibilidade e densidade, sobretudo, a partir de 2015. As buscas foram realizadas nas bases *Scopus*, *Web of Science*, *SciELO* e no Catálogo de Periódicos/Capes.

A seleção das palavras-chave foi orientada pelos eixos centrais da pesquisa: Etnomatemática, brincadeiras indígenas da etnia Pataxó, currículo intercultural e formação docente na Educação Infantil. Foram combinados descritores em português, utilizando o operador booleano AND, tais como: etnomatemática AND brincadeiras indígenas; cultura indígena AND educação infantil; currículo intercultural AND formação de professores; educação indígena AND matemática; jogos tradicionais indígenas AND prática pedagógica; saberes indígenas AND educação infantil. Essa estratégia teve como objetivo refinar os resultados e recuperar estudos que articulassem, simultaneamente, saberes tradicionais indígenas, educação matemática e práticas pedagógicas na Educação Infantil.

Foram considerados elegíveis textos completos (artigos, dissertações, monografias e capítulos de livro) que explicitassem relação entre práticas lúdicas indígenas e ensino-aprendizagem de Matemática na Educação Infantil, em perspectiva intercultural.

Excluíram-se duplicatas, resumos expandidos, trabalhos sem acesso ao texto integral e produções sem aderência temática. A triagem ocorreu em duas etapas: (1) leitura de títulos e resumos para verificação inicial de pertinência; e (2) leitura integral para confirmação dos critérios de inclusão.

Ao final da etapa de prospecção, foram identificados 63 trabalhos. Após a leitura na íntegra e aplicação dos critérios de elegibilidade, seis estudos compuseram o corpus analítico. Cada documento foi sistematizado em uma matriz eletrônica, com campos relativos à autoria, ano, tipo de produção, objetivos, referenciais teóricos, procedimentos metodológicos, contexto de pesquisa e principais resultados. A análise seguiu um processo de categorização temática emergente, articulando os achados com a literatura da Etnomatemática (D' Ambrosio, 2013; Rosa; Orey, 2017; Gerdes, 1991) e com aportes da educação intercultural, por meio de leituras comparativas e síntese crítica. As categorias e interpretações foram discutidas em espaço coletivo de pesquisa, o que contribuiu para o refinamento das inferências e para sua coerência com o horizonte intercultural que orienta o estudo.

Quadro 1 - Estudos inclusos na síntese qualitativa

Nº	Autor(es)	Título	Ano
1	Danielle Alves Martins	“A gente precisa ter um olhar mais atento, porque é a nossa escola, né? [...] e quem tem o conhecimento somos nós”: Currículo e práticas educativas no Ensino Médio da Escola Pataxó de Barra Velha (BA)	2022
2	Bruno Rogério Duarte da Silva	Brincadeiras populares como práticas pedagógico-performativas de desfolclorização: um estudo entre brincantes, professoras e crianças na educação infantil em Alagoas, Brasil	2021
3	Éverton Melo de Melo	TAMÃKÃYÃ: um local de fronteiras entre matemáticas culturalmente constituídas	2022
4	Aldrin Cleyde da Cunha	Contribuição da etnomatemática para a manutenção e dinamização da cultura GUARANI E KAIOWÁ na formação inicial de professores indígenas	2016
5	Aline da Silva Lima	Saberes interculturais na formação de professores indígenas que ensinam matemática uma experiência de partilha no Estágio Supervisionado	2022
6	Maria Aparecida D'ávila Cassimiro	O brincar na educação infantil numa escola de educação infantil do/no campo: um estudo acerca da potencialidade do baú brincante na comunidade indígena tupinambá em Ilhéus-Bahia	2025

Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

RESULTADOS

O mapeamento das produções localizadas no recorte 2015-2025 evidenciou que as pesquisas sobre Etnomatemática, infância indígena e formação docente concentram-se, majoritariamente, em contextos de escolas indígenas de Ensino Fundamental e em cursos de licenciatura intercultural, com foco em povos como Noke Koï, Guarani e Kaiowá, Assuriní, Munduruku e Tupinambá. Nos estudos com o povo Noke Koï, a análise das representações sociais de “matemática” mostra que a comunidade ancora esse conhecimento tanto nas práticas ancestrais de contar, medir e classificar, quanto na disciplina escolar, entendida como saber necessário para negociar com os não indígenas, ao mesmo tempo em que a estrutura curricular oficial tende a silenciar a matemática culturalmente constituída na aldeia.

As investigações sobre formação inicial e estágios supervisionados em cursos de licenciatura intercultural indicam que a Etnomatemática, quando assumida como eixo da formação de professores indígenas, funciona como alternativa pedagógica capaz de articular saberes científicos e saberes tradicionais, fortalecendo língua, memória e identidade coletiva. No caso Guarani e Kaiowá, as estratégias etnomatemáticas contribuíram para a valorização da cultura e da língua materna, mas também revelaram tensões vividas pelos futuros docentes, divididos entre a matemática escolar ocidentalizada e o desejo de uma educação diferenciada e comprometida com seu povo.

Os trabalhos que acompanham o estágio supervisionado de professores Assuriní e Munduruku mostram que o diálogo intercultural em sala de aula se concretiza por meio da pesquisa de saberes matemáticos tradicionais, do uso de temas geradores, da problematização de situações do cotidiano e da elaboração de jogos e brincadeiras como materiais didáticos. Nessas experiências, atividades como bingo matemático, roletas operacionais e painéis numéricos, construídos a partir do contexto da aldeia, favorecem engajamento, desenvolvimento do raciocínio e apropriação gradual da linguagem matemática, ao mesmo tempo em que reforçam o registro e a circulação de conhecimentos matemáticos do povo.

No campo específico das brincadeiras na Educação Infantil indígena, destaca-se o estudo com uma escola da comunidade Tupinambá, em que o Baú Brincante se configura como dispositivo de revalorização da cultura lúdica local e de fortalecimento do protagonismo das crianças.

Os resultados apontam que, quando as práticas pedagógicas se organizam a partir do brincar, emergem narrativas, gestos, cantos, objetos e jogos que atualizam memórias coletivas e modos próprios de ser criança na aldeia, tensionando modelos escolarizados que ainda tendem a reduzir a infância indígena a atividades fragmentadas e descontextualizadas.

Tomados em conjunto, os seis estudos analisados convergem ao afirmar que a articulação entre Etnomatemática, saberes indígenas e práticas lúdicas produz deslocamentos importantes nos currículos e nas formas de ensinar matemática em contextos indígenas, reforçando a necessidade de escutar crianças, anciãos e professores na construção de propostas interculturais. Ao mesmo tempo, evidenciam lacunas: há pouca produção voltada especificamente à Educação Infantil, à formação de professores não indígenas que atuam com crianças indígenas e à sistematização das ideias matemáticas presentes nas brincadeiras de povos como os Pataxó. Esses resultados parciais sustentam a pertinência da pesquisa em curso, que busca compreender como as brincadeiras Pataxó podem orientar a construção de um currículo intercultural de matemática na Educação Infantil e ampliar repertórios didático-pedagógicos comprometidos com o enfrentamento do racismo e com a valorização das infâncias indígenas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados parciais deste estado do conhecimento indicam que pensar a Educação Infantil indígena a partir das brincadeiras e da Etnomatemática implica recentrar a infância e as práticas culturais como eixos estruturantes do currículo. As pesquisas mapeadas mostram que, quando o brincar, os saberes tradicionais e as experiências do território são tomados como referência, a escola deixa de ser apenas espaço de transmissão de conteúdos para se tornar lugar de produção de conhecimentos, de afirmação identitária e de enfrentamento do racismo anti-indígena.

Entretanto, esse deslocamento não depende apenas do esforço individual de professoras e professores. Ele requer políticas públicas que assegurem formação inicial e continuada comprometida com a interculturalidade, condições materiais adequadas, elaboração coletiva dos projetos político-pedagógicos com participação das comunidades e avaliações

que valorizem trajetórias, experiências e contextos, em vez de apenas resultados padronizados. Nas produções mapeadas, a articulação entre tempos escolares, modos de brincar e contextos socioculturais aparece como um caminho promissor para o desenvolvimento integral e a garantia de direitos das crianças indígenas.

Nas infâncias Pataxó, a pouca produção sobre ideias matemáticas nas brincadeiras evidencia a relevância da pesquisa em curso. O mapeamento é um primeiro passo de um percurso que inclui diálogo com as comunidades, escuta das crianças e construção coletiva de propostas, entendendo a educação como espaço de resistência, criação e afirmação das infâncias indígenas como produtoras de conhecimento.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988.
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. (Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009). Câmara da Educação Básica, 2009. Acesso em: Disponível em:
http://www.crmariocovas.sp.gov.br/Downloads/ccs/concurso_2013/PDFs/resol_federal_5_09.pdf

_____. **Resolução nº 1, de 2024**. Conselho Nacional de Educação. Institui as Diretrizes Operacionais Nacionais de Qualidade e Equidade para a Educação Infantil. Brasília, 2024.

CASSIMIRO, Maria Aparecida D'Ávila. **O brincar na educação infantil numa escola de educação infantil do/no campo**: um estudo acerca da potencialidade do Baú Brincante na comunidade indígena Tupinambá em Ilhéus-Bahia. 2025, 186fl. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Salvador, 2025.

CUNHA, A. C. da. **Contribuição da etnomatemática para a manutenção e dinamização da cultura Guarani e Kaiowá na formação inicial de professores indígenas**. 2016, 211fl. Tese (Doutorado em Educação Matemática). Universidade Anhanguera de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, São Paulo, 2016.

COHN, C. O que as crianças indígenas têm a nos ensinar? O encontro da etnologia indígena e da antropologia da criança. **Horizontes Antropológicos**, v. 27, n. 60, maio/ago., p. 31-59, 2021. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832021000200002>

D'AMBROSIO, U. **Educação matemática**: Da teoria à prática. Campinas: Papirus Editora, 2013.

GERDES, P. **Ethnomathematics and mathematics education**. Paris: Unesco Publishing, 1994.

LIMA, A. da S. **Saberes interculturais na formação de professores indígenas que ensinam matemática**: uma experiência de partilha no Estágio Supervisionado. 2022, 198fl. Tese (Doutorado em Educação em Ciências e Matemática). Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática (PPGECM/REAMEC), Universidade Federal de Mato Grosso; Universidade Federal do Pará; Universidade do Estado do Amazonas, Belém, 2022.

MARTINS, D. A. **“A gente precisa ter um olhar mais atento, porque é a nossa escola, né? [...] e quem tem o conhecimento somos nós”**: currículo e práticas educativas no Ensino Médio da Escola Pataxó de Barra Velha (BA). 2022, 221fl. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2022.

MELO, É. M. de. **Tamãkãã**: um local de fronteiras entre matemáticas culturalmente constituídas. 2022, 205fl. Tese (Doutorado em Educação em Ciências e Matemática). Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática – PPGECM/REAMEC, Cruzeiro do Sul, 2022.

ROSA, M.; OREY, D. C. Ethnomathematics and Indigenous games. In: ROSA, M.; OREY, D. C. (eds.). **Ethnomathematics and its pedagogical action**. Springer, p. 42, 2021. https://doi.org/10.1007/978-3-030-97482-4_5

SILVA, B. R. D. da. **Brincadeiras populares como práticas pedagógico-performativas de desfolclorização**: um estudo entre brincantes, professoras e crianças na educação infantil em Alagoas, Brasil. 2021. Tese, 136fl. (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2021.